

HISTÓRIAS INFANTIS: O ENCANTAMENTO NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Ana Cláudia Brandão Zambadi¹, Grazielly Vilas Boas de Oliveira²
Orientadoras: MSc. Vera Lúcia Catoto Dias³, MSc. Anamaria da Silva Martin Gascón Oliveira⁴

^{1,2} Universidade do Vale do Paraíba – UNIVAP, Faculdade de Educação e Arte, FEA
Campus Aquáriu – Rua: Tertuliano Delphin Jr., 181, Jardim Aquáriu, CEP 12242-080 – SJC, SP.

^{3,4} Universidade do Vale do Paraíba, UNIVAP, Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento, IP&D
Núcleo de Pesquisa Formação de Educadores, NUPEFE
Avenida: Shishima Hifumi, 2911, Campus Urbanova, CEP 12244 000, São José dos Campos, SP.

ana_cbz@hotmail.com, gravilasboas@hotmail.com, gascon@univap.br, vcatoto@univap.br

Resumo- Este trabalho é resultado de investigação inicial do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência, PIBID, pelo convênio firmado entre a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, Capes e a Universidade do Vale do Paraíba, UNIVAP (Edital nº 018/2010/CAPS – Projeto aprovado nº 2333/2010). A pesquisa em educação do tipo estudo de caso etnográfico André (2005), foi desenvolvida por alunas bolsistas do PIBID, em salas de aula de escola da rede estadual de ensino de São José dos Campos (1º e 2º ano do Ensino Fundamental) onde se identificou o interesse pela história contada na construção da linguagem oral. A fundamentação teórica orienta-se em Kishimoto (2002); Abramovich (1997); RCNEI (Brasil, 1998); dentre outros, que discutem o tema, de contar histórias para as crianças no ambiente escolar. Desta forma, enfatiza-se no trabalho a importância do lúdico e do ato da leitura para a criança nos anos iniciais de alfabetização.

Palavras-chave: Histórias Infantis, Ensino Fundamental de 9 anos, Alfabetização/Letramento

Área do Conhecimento: Humanas/Educação

Introdução

A criança é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico.

Nessa perspectiva as crianças constroem o conhecimento a partir das interações que estabelecem com as outras pessoas e com o meio em que vivem. O conhecimento não se constitui em cópia da realidade, mas sim, fruto de um intenso trabalho de criação, significação e ressignificação.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil RCNEI é um dos documentos norteadores para tratar da Educação Infantil pós Lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional.

De acordo com o (BRASIL, RCNEI, 1998) as interações que as crianças estabelecem com as pessoas que lhes são próximas e com o meio que as circunda, a compreensão do mundo em que vivem, por meio das brincadeiras, explicitam as condições de vida a que estão submetidas os seus anseios e desejos.

Para que as crianças possam exercer sua capacidade de criar é imprescindível que haja riqueza e diversidade nas experiências que lhes

são oferecidas nas instituições, sejam elas mais voltadas às brincadeiras ou às aprendizagens que ocorrem por meio de uma intervenção direta o que é essencial para a criança de seis anos.

No brincar é preciso apropriar-se de elementos da realidade imediata de tal forma a atribuir-lhes novos significados. Toda brincadeira é uma imitação transformada, no plano das emoções e das idéias, de uma realidade anteriormente vivenciada.

É o professor, que na instituição de educação infantil, ajuda a estruturar no campo das brincadeiras na vida das crianças. De acordo com o (BRASIL, RCNEI, 1998) é por meio delas que o professor pode observar e constituir uma visão dos processos de desenvolvimento das crianças em conjunto ou em cada uma individualmente. Registrando suas capacidades de uso das linguagens, assim como suas capacidades sociais e dos recursos afetivos e emocionais de que dispõem.

Para Kishimoto (2002), os livros e as imagens neles contidas são um dos instrumentos para que a criança desenvolva o gosto pela leitura, sendo assim facilitando para que o educador possa levá-los de um universo tri-dimensional para um bidimensional permitindo-lhes que entrem no

lúdico, ou seja, saia da “realidade” e faça da leitura um ato prazeroso uma brincadeira.

Segundo Kishimoto (2002), devemos nos preocupar com a forma com que os livros são apresentados e também da forma que eles são lidos ou dramatizados para as crianças. A sua apresentação deve fazer parte de uma estratégia para atrair os não-leitores, pois dar-lhe uma aparência de brinquedo pressupõe uma idéia de presente de distração e não de obrigação e trabalho escolar.

Os referenciais alertam que o professor deve ter consciência de que as crianças não estarão brincando livremente nestas situações, pois há objetivos didáticos em questão.

Nesse momento ressaltamos a importância do educador assegurar um ensino que garanta a realização de varias atividades de linguagem, que possibilite práticas discursivas com diferentes gêneros textuais, orais e escritos, de uso, finalidade e intenção diversificada.

Para Abramovich (1997) é preciso que a criança ouça muitas histórias, esta prática é o inicio da aprendizagem para o futuro leitor. Suscita o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é a possibilidade dela descobrir o mundo.

A participação, como alunas bolsistas, na elaboração e aplicação de oficinas de contar histórias para crianças de seis anos enriqueceu muito a nossa formação docente. Percebemos o quanto foi significativo para as crianças ouvir a história contada de forma diferenciada.

Metodologia

A pesquisa em educação do tipo estudo de caso etnográfico (ANDRÉ, 2005, p.24) desenvolvida pela observação participante em uma escola da rede estadual em São José dos Campos, no 1º ano com alunos de seis anos e 2º ano com alunos de sete anos e na aplicação de oficinas nestas mesmas turmas. As oficinas intituladas “O Contar Histórias” foram criadas, produzidas e aplicadas pelas alunas bolsistas do PIBID. O objetivo foi, a partir das observações e da oficina aplicada, explorar conhecimentos de interpretação de histórias, a leitura e também participar do processo de letramento das crianças de 6 anos.

Resultados

No dia 04 de abril iniciamos nosso trabalho realizando uma sondagem com as crianças do 1º e 2º ano sobre quais as histórias infantis que eles conheciam. Foram feitas perguntas tais como: “Vocês conhecem alguma história?”; “Você pode

contar alguma história?”; “Vocês conhecem a história dos Três Porquinhos?” e outras questões que surgiram no decorrer dessa conversa informal. Após a sondagem foi lida em cada uma das salas, a história dos Três Porquinhos (Coleção Contos Clássicos, Editora Oceano). Uma versão diferente da original. Após o término da leitura a professora regente da sala do 1º ano pediu para que os seus alunos desenhassem sobre a história contada.

Figura 1 – Contar a história infantil



Fonte: Acervo pessoal (2011)

No dia 06 de Abril foi contada para as mesmas turmas a historia original dos Três Porquinhos com auxilio de fantoches. Os alunos ajudaram a organizar a sala de maneira que o ambiente ficasse mais aconchegante para a apresentação da história no palco de fantoches.

Figura 2 – Teatro de fantoches



Fonte: Acervo pessoal (2011)

No dia 11 de abril as crianças do 1º e 2º ano assistiram o filme dos Três Porquinhos (Filme de Jules Alain de Test e Eric Bayle). A sala foi organizada de forma a lembrar uma sessão de cinema. Ao final da sessão foi promovida uma conversa informal com os alunos a respeito do filme, se eles já tinham visto e o que mais chamou a atenção deles.

No dia 18 de abril realizamos com as turmas a produção de fantoches. Cada aluno confeccionou o personagem que quisesse. O material utilizado foi canetinha, lápis de cor, cola, orelhinhas e narizes já recortados em cartolina.

Após a produção dos fantoches os alunos foram levados para o pátio para encenarmos em

grupos a história dos Três Porquinhos. Simulamos que cada grupo de mais ou menos 10 alunos era um porquinho e cada lugar do pátio era uma casa na qual estava a professora e as bolsistas PIBID representando o papel de lobo mau.

Figura 3 – Dramatização da história



Fonte: Acervo pessoal (2011)

Esta atividade finalizou a oficina de Contar Histórias, onde ganhamos a confiança dos alunos e percebemos a troca que os alunos fizeram conosco, alunas bolsistas e entre eles mesmos.

Discussão

No dia 04 de abril tivemos um bom retorno por parte dos alunos do 1º e 2º ano que gostaram de discutir conosco sobre as histórias que já conheciam. A versão diferente dos Três Porquinhos foi o que mais chamou a atenção, porque quem já conhecia a história pode comparar e ressaltar as diferenças. O retorno da professora do 1º ano foi positivo, pois as crianças estavam muito motivadas para fazer um desenho sobre a história. A coordenação também, se mostrou disponível o tempo todo para o que precisássemos.

No dia 06 de abril, quando contamos a história original dos Três Porquinhos com o auxílio dos fantoches, a participação dos alunos foi excelente, todos estavam bem concentrados e participativos. No 1º ano os alunos ficaram em silêncio para ouvir a história e durante a oficina eles interagiram bastante. Nas duas salas observamos o quanto à atividade foi significativa, porque os comentários e as perguntas eram coerentes e motivadoras. As professoras nos deram a liberdade de arrumar os livros e preparar a oficina, e ao final nos parabenizaram pela forma que contamos a história. A coordenadora esteve sempre ativa tirando as fotos para registrar a atividade.

No dia 11 de abril a coordenadora mostrou-se disposta em remanejar os alunos de uma sala para outra para podermos exibir o filme.

Os alunos no geral gostaram do filme e fizeram comparações entre as outras versões da história o que enriqueceu muito as discussões entre o grupo. As professoras, também se mobilizaram para nos ajudar, levando os alunos até a sala e nos auxiliando.

No dia 18 de abril os alunos mostraram muito interesse na produção dos fantoches, as professoras no início acharam que a ideia não fosse dar certo, pois poderia virar “bagunça” no decorrer da atividade elas perceberam que isso não ocorreu. Na hora da encenação da história as crianças estavam muito motivadas e houve a participação de todos, professoras e coordenadora.

No dia da aplicação dessa parte da oficina as professoras estavam atentas e mostravam interesse em ajudar no que fosse preciso para que a realização das atividades fosse feita com sucesso. A coordenadora nos acompanhou em todos os momentos e se mostrou disposta em ajudar em tudo que precisássemos, ela também registrou todos os momentos.

Conclusão

Participar ativamente do processo de alfabetização de um grupo de crianças de seis anos como alunas bolsistas PIBID é uma oportunidade única de presenciarmos como as crianças constroem o conhecimento a partir das interações que estabelecem com as outras pessoas e com o meio em que vivem.

Observamos que o prazer da leitura vai além do simples ato de contar uma história ela deve envolver uma dinâmica fundamentada no faz-de-conta, pois a associação destas duas dimensões leitura e faz-de-conta abre um caminho para a decodificação de signos voltada para o prazer.

Concluimos também que a história é um instrumento essencial para a alfabetização e o trabalho em grupo, de modo que quando contada seja desejada pelos ouvintes, por isso a necessidade dos educadores prepararem-se para essa tarefa.

Referências

- ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1997.
- ANDRÉ, M. Estudo de caso em Pesquisa e Avaliação Educacional. Brasília/DF: Liber Livro Editora, 2005.
- BRASIL, Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília/DF: Gráfica do Senado, 1998.

XVINIC

Encontro Latino Americano
de Iniciação Científica

XI EPG

Encontro Latino Americano
de Pós Graduação

VINIC Jr

Encontro Latino Americano
de Iniciação Científica Júnior

_____, Ensino Fundamental de nove anos:
Orientações Gerais. Brasília/DF: Ministério da
Educação, Secretaria de Educação Básica, 2004.

- KISHIMOTO, Mochida Tizuko. O brincar e suas
teorias. São Paulo: Thompson, 2002.